



Ácidos Graxos Ômega 3 e 6 para Equinos

André G. Cintra. MV, Prof. Esp.

Autor dos livros “Alimentação equina: nutrição, saúde e bem-estar” e “O cavalo: características, manejo e alimentação” e coautor do livro “Manual de gerenciamento equestre: textos, tabelas e planilhas”.

Contato: agcintra@gmail.com.

Site www.andrecintra.vet.br

Instagram: [@andregcintra](https://www.instagram.com/andregcintra).

YouTube: [André G. Cintra](https://www.youtube.com/AndréG.Cintra)

Alimento perfeito ou equilíbrio perfeito entre alimentos?

O que se deve buscar para a dieta do cavalo?

Alimento perfeito não existe, mas equilíbrio perfeito de alimentos é o que se deve almejar para um melhor resultado na criação ou performance dos cavalos.

Muito se fala sobre ácidos graxos na alimentação de humanos e animais, mas o que são e o que fazem? Onde podem ser obtidos?

As gorduras são compostas pela combinação de ácidos graxos e glicerol. Os ácidos graxos são divididos em dois importantes grupos: ômega 3 (ácido alfa-linolênico, ácido eicosapentanóico e ácido docosahaxanóico) e ômega 6 (ácido linolêico e ácido aracdônico) e são chamados de Ácidos Graxos Essenciais (AGE), pois o cavalo não consegue sintetizá-los, necessitando de uma suplementação alimentar adequada.

Os desequilíbrios dos AGE podem resultar em processos inflamatórios causados pela liberação de prostaglandinas e leucotrienos.

Os fatores que incorporam o ômega 6 causam uma reação inflamatória extremamente agressiva, resultando em irritação da pele, prurido cutâneo intenso, opacidade e perda de pêlos, dores musculares e articulares e desequilíbrios circulatórios.

Já os fatores que incorporam o ômega 3, inibem a formação dos fatores resultantes do ômega 6. Portanto, o equilíbrio nutricional entre os fatores ômega 3 e 6 combate os efeitos danosos de grande parte dos processos inflamatórios e alérgicos.

Para uma boa ação dos AGE é necessário que eles estejam em equilíbrio no organismo.

Como os AGE do grupo ômega 6 são mais facilmente encontrados nos alimentos, ocorre um desequilíbrio muito grande por deficiência de AGE do grupo ômega 3, que deve ser então suplementado.

Os ácidos graxos do grupo ômega 6 são encontrados em grandes quantidades na maioria dos alimentos, tais como: soja, milho, girassol, canola e gordura animal, não havendo problemas em sua suplementação.

Já os ácidos graxos do grupo ômega 3 não são encontrados em grandes quantidades nos alimentos normalmente utilizados na alimentação dos cavalos, sendo encontrados apenas em alguns alimentos, como a linhaça e seus derivados, que podem ser fornecidos adicionados à alimentação na forma de semente, farinha ou óleo, azeite de oliva e óleos de peixes marinhos de águas frias.

Como azeite de oliva é economicamente inviável e peixe não é alimento para equinos (apesar de alguns estudos nos EUA indicarem a possibilidade de uso de óleo de salmão, mas sem efeitos conclusivos a longo prazo), podemos utilizar apenas derivados da linhaça.

Como a maioria dos grãos e seus subprodutos, a linhaça é um ótimo complemento que pode ser utilizado na alimentação do cavalo, desde que seu uso se justifique e seja feito com critério e avaliação cuidadosa das necessidades reais do animal.

As vantagens do equilíbrio entre ômega 3 e 6 podem ser descritas como abrandamento de reações inflamatórias e alérgicas indesejáveis, melhorando a resposta imunológica.

Para potros em crescimento funciona como auxiliar no desenvolvimento neurológico.

Para éguas em gestação auxilia no desenvolvimento fetal e na lactação, aumentando a quantidade do leite.

Observamos ainda restabelecimento do brilho e da cor da pelagem, bem como a saúde da pele.

Em cavalos de esporte e trabalho aumenta a energia disponível, levando a uma recuperação muscular mais rápida após exercícios.

Promove ainda prevenção de distúrbios circulatórios e cardiovasculares além de ser excelente auxiliar no tratamento de laminites, artrites e artroses e miopatias.

Mas a linhaça não é somente fonte de ômega 3 e 6. É um alimento rico em energia, rico em proteína (a farinha chega a 35% de proteína bruta), e como toda matéria prima, não é equilibrada em vitaminas e minerais. Portanto, seu uso de forma indiscriminada e abusiva, ou mesmo como alimento único é mais prejudicial que benéfico ao animal.

Devemos cuidar para que não se ultrapasse as necessidades energéticas do animal, pois o excesso de energia na dieta causa timpanismo, diarreias, queda do tônus digestivo levando a contrações e possíveis cólicas, dilatação do ceco, degeneração cardíaca, hepática e renal, dismicrobismo e laminite.

Já o excesso de proteína na dieta causa uma série de distúrbios como enterotoxemia, problemas hepáticos, emagrecimento, problemas renais, má recuperação após o esforço, problemas de fertilidade em garanhões, transpiração excessiva, cólicas, timpanismo e dismicrobismo.

O desequilíbrio vitamínico mineral, que a inclusão exagerada de qualquer matéria prima em uma dieta equilibrada pode trazer, ocasiona distúrbios de absorção de nutrientes além de poder proporcionar doenças carenciais ou por excesso de um ou outro nutriente, com consequências desagradáveis em médio prazo.

Uma dieta correta, onde se privilegia o volumoso de boa qualidade (feno ou pastagem de gramíneas), com água fresca e limpa e sal mineral específico para cavalos à vontade, complementados com concentrado equilibrado e de origem idônea, pode ainda, se necessário, ser suplementada com a farinha de linhaça ou ainda através do óleo, se assim o animal o exigir.

Acima de tudo, não prejudique o animal.

